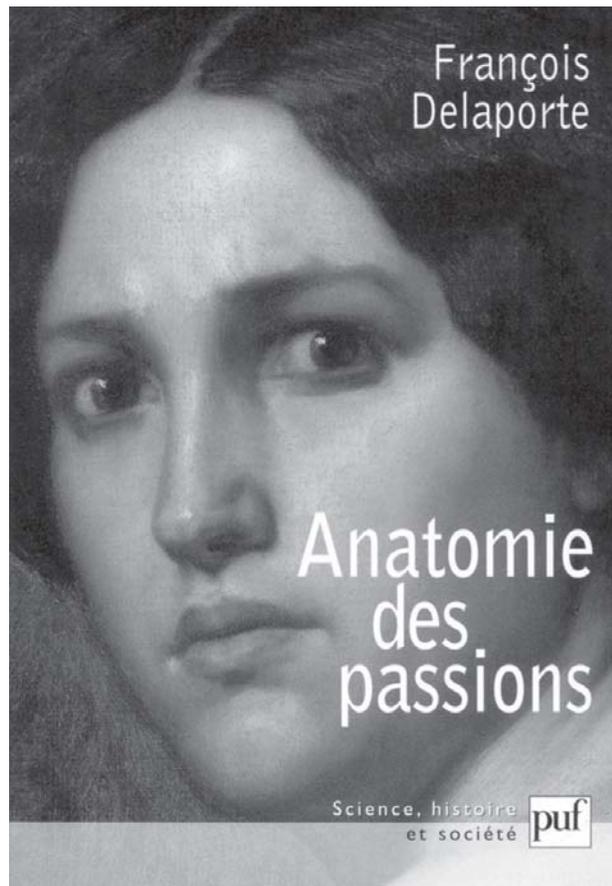


A medicina, a arte e a materialidade das paixões

TRADUÇÃO



Lucie Desjardins

Professora da Universidade do Québec, em Montreal (UQÀM). É autora, entre outros livros, de *Le corps parlant: savoirs et représentation des passions au XVII^e siècle*. Paris: L'Harmattan, 2001. desjardins.1@uqam.ca

* Originalmente publicado no *Canadian Bulletin of Medical History/Bulletin Canadien d'Histoire de la Médecine*, 21 (2), Montreal, Wilfrid Laurier University Press, p. 452-454, 2004.

** Marlon Salomon é doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás (UFG). marlonsalomon@gmail.com Raquel Machado Gonçalves Campos é mestranda em História na UFG. raquelbordeaux@yahoo.com.br

Nota dos tradutores: Publicado originalmente em 2003, *Anatomie des passions* teve destacada repercussão nacional e internacional. Apontado como um livro surpreendente, de caráter original e brilhante, recebeu, em 2004, o importante e concorrido prêmio de melhor publicação do ano, concedido pela prestigiosa Sociedade Francesa de História da Medicina. Inúmeras resenhas e análises a seu respeito foram publicadas em diversos países e em diversas línguas. A de Lucie Desjardins, que ora é republicada por *ArtCultura*, insere-se nesse contexto. Nessas resenhas, destacou-se, freqüentemente, o seu caráter transdisciplinar, o seu esforço em renovar o campo de estudos ligado à história e à filosofia das paixões e emoções e a sua introdução no pensamento contemporâneo de uma nova maneira de relacionar a arte e a ciência. Signos da boa recepção internacional são as suas recentes traduções em espanhol e inglês. No início de 2007 foi traduzido para o espanhol e publicado na Colômbia pela editora da Universidad del Norte, de Barranquilla (*Anatomía de las pasiones*. Barranquilla: Ediciones Uninorte, 2007). Sua tradução em inglês sairá em breve pela editora de uma das principais universidades da Califórnia, a de Stanford (*Anatomy of the passions*. Stanford University Press). Atualmente, François Delaporte é professor de filosofia e história das ciências na Universidade da Picardia ~ Júlio Verne, em Amiens (França), onde dirige a Equipe de Epistemologia e História das Ciências Biológicas e Médicas.

A medicina, a arte e a materialidade das paixões*

Lucie Desjardins

Tradução: Marlon Salomon e Raquel Machado Gonçalves Campos**

DELAPORTE, François. *Anatomie des passions*. Paris: PUF, 2003, 220 p.

Nos últimos anos, pode-se observar na filosofia um interesse renovado pela questão das paixões. As obras de Michel Meyer, de Denis Kambouchner ou de Remo Bodei, por exemplo, procuraram examinar o laço que uniria o corpo ao que a tradição filosófica chama de *alma*, determinando assim as causas fundamentais do comportamento humano. Ora, se a questão das paixões é retomada nos tratados de medicina e naquilo que se convencionou chamar de *tratados das paixões*, ela passa igualmente inúmeros textos cujo objeto principal é outro, quer se trate da pintura ou da fotografia, do teatro ou do romance, da eloqüência ou da música, que buscam reproduzir os efeitos das paixões. É em razão disso que a pesquisa recente adota um caráter deliberadamente pluridisciplinar, estudando a questão mais específica da expressão das paixões, procurando inter-relacionar várias formas discursivas. Essa *démarche* supõe estudar as paixões a partir dos signos e marcas que elas produzem na superfície do corpo, como testemunham os trabalhos de Jean-Jacques Courtine e Claudine Haroche, os de Lucie Desjardins ou ainda as duas exposições realizadas em 2002 no Museu da Música de Paris e intituladas *Figures de la passion* e *L'invention du sentiment*.

A obra de François Delaporte inscreve-se nessa perspectiva de um diálogo entre a medicina e a arte, recorrendo a textos tanto de filósofos e de médicos quanto de fotógrafos. O interesse da *démarche* reside, primeiramente e acima de tudo, na seleção do *corpus* documental. Com efeito, a maioria dos trabalhos atuais sobre tal questão trata ou dos séculos XVII e XVIII, buscando destacar as contribuições de Descartes, de Charles Le Brun ou ainda de Lavater; ou do século XX, que, com o desenvolvimento da psicanálise, desloca o ponto de vista em direção a uma teoria dos afetos. Raros são os estudos que se interessam por essa questão no século XIX. No entanto, e como sublinha François Delaporte, as transformações da medicina, da fisiologia e da física implicam, então, várias formas de rupturas: ruptura com uma anatomia e uma fisiologia próprias à época clássica; ruptura com uma percepção da expressão como linguagem intencional que permanecia alinhada à tradição de Descartes; ruptura com a patognomonía sem suporte orgânico de Lavater; ruptura, enfim, com as normas da linguagem pictórica instituídas por Le Brun.

Recorrendo, inicialmente, a inúmeros textos de médicos e de anatomistas do século XIX (Cruveilhier, Gratiolet, Lemoine, Moreau, Sarlandière e, sobretudo, Duchenne), o autor ultrapassa a simples história da expressão e aplica-se, antes, a mostrar de que maneira as descobertas deste momento conduzem a uma reorganização epistemológica. Para descrever esta reorganização, seria preciso, sustenta ele, abandonar a idéia segundo a qual a história da localização das paixões encon-

tra-se presa à do cérebro e deslocar seu ponto de apoio, associando-a à miologia, que buscará relacionar um movimento expressivo à contração muscular que lhe corresponde. Entre a alma e os movimentos da fisionomia, seria preciso, doravante, introduzir uma estrutura de linguagem (*langagière*) das ações musculares.

A grande relevância da obra de Delaporte encontra-se, sem dúvida, na análise das questões teóricas e epistemológicas dos trabalhos de Guillaume Benjamin Duchenne de Boulogne (1806-1875). Este médico, que estudou os efeitos da eletrização localizada para o diagnóstico e a terapêutica, particularmente no caso dos músculos do rosto, publicou, em 1862, uma espécie de atlas fotográfico a fim de estudar os músculos responsáveis pela expressão das paixões. Fixada pela fotografia, que torna possíveis o exame do rosto, a localização dos indícios e a emergência de nuances mais sutis, a paixão teria uma materialidade, um suporte e regras de decifração a partir das quais podia-se começar um trabalho de observação, de descrição e de comparação das imagens.

Aqui, Delaporte não apenas relembra a importância de Duchenne, cujos trabalhos são ainda bem pouco conhecidos para uma teoria geral da expressão das paixões, mas também situa suas propostas em um outro terreno cujas questões são igualmente essenciais. É em 1872 que Mathias Duval introduz a obra de Duchenne na Escola de Belas-Artes, afirmando em um discurso que ela não podia encontrar um lugar mais digno de si, pois ela serve a cada ano ao ensino, e, ao perpetuar entre os artistas a lembrança daquele que finalmente baseou o estudo da expressão em dados rigorosamente experimentais, ela personifica aos olhos deles a união fecunda entre a Ciência e a Arte (*apud* Delaporte, p. 170). Ora, se a ciência é aplicada às belas-artes, é para lhes servir, disso decorre que as regras do mecanismo da fisionomia, deduzidas da experimentação eletro-muscular, afirma Duchenne, esclarecem o artista, sem aprisionar a liberdade de seu gênio (*apud* Delaporte, p. 173). Desde então, o estudo de Duchenne inscreve-se no próprio coração dos debates contemporâneos sobre a arte, que concernem às relações entre a anatomia e o movimento, a técnica e a arte, o verdadeiro e o belo debates que o autor relata rigorosamente.

Com efeito, pode-se apenas agradecer a François Delaporte por ter trabalhado a partir de textos hoje pouco conhecidos ou raramente estudados. Daí ser também necessário sublinhar outra grande qualidade da obra: ter deixado a palavra aos próprios textos ao invés de sucumbir à paráfrase ou ao resumo, proporcionando assim ao leitor o desejo de percorrer tanto a obra de Duchenne quanto os documentos da Escola de Belas-Artes ou ainda aqueles que sublinham a ascendência do fotógrafo Adrien Tournachon, irmão de Nadar, sobre Duchenne. Tecendo de maneira exemplar os laços que unem a miologia, a pintura e a fotografia, essa história da expressão oferece, portanto, uma nova perspectiva sobre a história da medicina e da anatomia, bem como sobre a das relações entre o conhecimento e a arte.



Tradução e publicação autorizadas pela autora em abril de 2007.

Durante anos trabalhou em importantes universidades fora da França, tais como a Universidade de Harvard, a Universidade John Hopkins, em Baltimore, e a Universidade Nacional Autônoma do México. Em 2003, a editora Holos, de Ribeirão Preto, traduziu e publicou em português seu *A doença de chagas: história de uma calamidade continental*. É autor, dentre outros livros, de *Le second règne de la nature: essai sur les questions de la végétalité au XVIIIe siècle*. Paris: Flammarion, 1979, *Disease and civilization: the cholera in Paris, 1832*. Cambridge/Mass: MIT Press, 1986, *Histoire de la fièvre jaune: naissance de la médecine tropicale*. Paris: Payot, 1989, *Les épidémies*. Paris: Presses Pocket, 1995, e de *Filosofia de los acontecimientos*. Medellín: Editora Universidad de Antioquia, 2003. Com Patrice Pinnell, escreveu *Histoire des myopathies*. Paris: Payot, 1998. Organizou e editou *A vital rationalist: selected writings from Georges Canguilhem*. New York: Zone Books, 1994. Fez parte do comitê científico que, sob a coordenação de Dominique Lecourt, publicou uma obra que doravante é referência decisiva para aqueles que se dedicam à história e à filosofia das ciências biomédicas, o *Dictionnaire de la pensée médicale*. Paris: PUF, 2004, para o qual redigiu mais de uma dúzia de artigos.